

**COMO FAÇA O CANTO TORTO CORTA:  
NEGATIVIDADE E RESISTÊNCIA  
NA OBRA LÍTERO-MUSICAL DE BELCHIOR**

Gustavo Gracioli da Silva (UEMS)  
[gustavo.gracioli@rocketmail.com](mailto:gustavo.gracioli@rocketmail.com)  
Daniel Abrão (UEMS)

**1. A negação da futilidade e da ludicidade da arte pós anos 70**

Ora direis, ouvir estrelas  
Certo perdeste o censo  
E eu vou direi, no entanto,  
Enquanto houver espaço, corpo, tempo e algum  
[modo de dizer não  
Eu canto.

Este trecho é da música *Divina Comédia Humana* (BELCHIOR, 1992.) e apresenta de cara um diálogo direto (intertexto) com o poeta parnasiano Olavo Bilac, no Canto XIII de *Via Láctea*, o qual figura nesta dialogia poética como representante de uma tradição anterior às vanguardas modernistas, ou seja, tradicional para seu tempo, pois o eu-lírico, neste poema de Bilac “dá ouvidos” às estrelas, que por estarem em uma posição acima dos humanos carregam certa carga de verdade no que “dizem” e por estarem acima destes, enquanto este outro eu-lírico de Belchior, já imerso na tradição modernista às ouve, mas, se reserva o “direito” de não se deixar levar pela beleza de seu “status superior” muito menos de seu possível discurso rebaixador, acabando por contestar esta plasticidade que precisa ser balanceada com questões políticas da posição deste homem frente ao que está posto, figurado por esta constelação.

O cerne da questão neste capítulo é que se ilustre de modo simples e objetivo como se dá a negação de toda futilidade de uma arte (música, poesia, dança, cinema) que se volta para fins meramente lucrativos, deixando de lado o poder humanizador que o discurso artístico traz, na lírica belchioriana. Bosí glosa precisamente sobre este tema:

Ou quererá a poesia, ingênua, concorrer com a indústria & o comércio, acabando afinal por ceder-lhes as suas graças e gracinhas sonoras e gráficas para que as desfrutem propagandas gratificantes? A arte terá passado de marginal a alcoviteira ou inglória colaboracionista?

Na verdade, a resistência também cresceu junto com a “má positividade” do sistema. (BOSI, 2004, p. 165)

O reconhecimento da arte que circula com maior facilidade após a década de 1970 (início da produção de Belchior) é ela ser voltada para o mercado consumidor. O fato é apontado pelo aporte da teoria crítica, norte teórico desta pesquisa, pois esta escola, composta por nomes como Theodor Adorno e Walter Benjamin, toma a cultura (os bens culturais) por instrumento básico da manutenção das relações capitalistas, dando a seus adeptos o “faro” para perceber qual arte literalmente “se vende” e qual é ainda resistente e aponta a negatividade dos valores desta sociedade voltada para o lucro e o entretenimento. Resumindo, quando existe uma pressão mercadológica para que a obra seja consumida, as questões estéticas são deixadas de lado em nome de uma arte superficial para que circule e seja vendida em maior número.

Marx, em *O Capital*, diz: “Finalmente, nenhuma coisa pode ser valor se não é objeto útil; se não é útil, tampouco o será o trabalho nela contido, o qual não conta como trabalho, e por isso, não cria nenhum valor”. (MARX, 1985, p. 63).

Deste modo, percebe-se como o mundo capitalista engloba, também a arte, para que tenha fins lucrativos, desvalorizando o trabalho intelectual e relegando ao esquecimento obras que tencionem o leitor (ouvinte, no caso de Belchior) a questionar suas condições existenciais no espaço onde vive, afim de que não perceba que suas condições precárias são universais, fragmentando os sujeitos, impedindo o diálogo consciente, deixando a humanidade em um estado de neutralidade frente ao mundo, todo este processo se dá em nome do lucro.

Neste âmbito do entretenimento e do olhar crítico por sobre a sociedade, Belchior estabelece um diálogo com a música *Alegria, Alegria* de Caetano Veloso, ao escrever *Fotografia 3x4*, a qual é uma espécie de denúncia das condições materiais miseráveis daqueles imigrantes do Norte que chegam ao Sul do país em busca de melhores condições de trabalho.

O ponto chave neste diálogo é a festa de Caetano pelo fim do regime ditatorial do país, no qual o sujeito poético da canção se liberta e acaba caindo na armadilha de grandes empresas, sem perceber, como no trecho:

Em caras de presidentes  
Em grandes beijos de amor  
Em dentes, pernas, bandeiras  
Bomba e Brigitte Bardot  
(...)

Eu tomo Coca-Cola  
Ela pensa em casamento  
E uma canção me consola  
Eu vou...  
(...)  
Ela nem sabe até pensei  
Em cantar na televisão  
O sol é tão bonito  
Eu vou...

e a retórica belchioriana que age por meio de um sujeito poético consciente e engajado em denunciar as questões sociais precárias da sociedade na época:

Em cada esquina que eu passava  
O guarda me parava  
Pedia os meus documentos e depois sorria  
Examinando o três por quatro da fotografia  
E estranhando o nome do lugar de onde eu vinha  
(...)  
São Paulo, violento, corre o rio que me engana  
Copacabana, Zona Norte  
E os cabarés da Lapa onde morei  
Esses casos de família e de dinheiro, eu nunca entendi bem  
Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do Norte  
E vai morar na rua. (BELCHIOR, *Fotografia 3x4*, 1988.)

Então percebe-se esse tom de alerta de Belchior, quando diz:

A minha história é talvez  
É talvez igual a tua  
Jovem que desceu do Norte e que no Sul viveu na rua.

## **2. O conforto industrial sobrepondo as relações humanas.**

*Pra que Deus, dinheiro e sexo, Ideal, Pátria e Família se alguém já tem frigidaire?* em *Balada de Madame Frigidaire* (BELCHIOR, 1998.) encontra-se exposta, como se fosse uma ode, à veneração e dependência da humanidade moderna frente aos produtos industriais, representados pela geladeira, símbolo do conforto industrial. Com efeito, o conforto industrial e o entretenimento midiático e cultural disponíveis na contemporaneidade formam par perfeito para que a população se acomode e deixe de questionar-se sobre a realidade circundante e seu papel no mundo.

3. “*Aí o Money entra em cena e arrasa, e adeus caras bons de bola!*”

O cantor Belchior é herdeiro da contracultura. Belchior filtra todo o caldo cultural revolucionário da contracultura sem esquecer-se do modernista oswald-andradeano Manifesto Antropófago, ou seja, ele traduz essa necessidade revolucionária que é universal para uma linguagem simples, eficaz e brasileira, para que todos entendam:

Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Caraíba.

Morte e vida das hipóteses. Da equação eu parte do Cosmos ao axioma Cosmos parte do eu. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses. (ANDRADE, Oswald, maio de 1928)

Esta tradução ou a representação do resultado da filtragem do cantor cearense é explícita na canção *Lira dos Vinte Anos* (que dialoga com o livro *Lira dos Vinte Anos*, de Álvares de Azevedo):

Os filhos de Bob Dylan  
Clientes da Coca-Cola  
Os que fugimos da escola:  
Voltamos todos pra casa.  
Um queria mandar brasa,  
Outro ser pedra que rola...  
Daí o Money entra em cena e arrasa  
E adeus caras bons de bola.  
(...)  
Meu pai não aprova o que eu faço  
Tampouco eu aprovo o filho que ele fez  
Sem sangue nas veias, com nervos de aço  
Rejeito o abraço que me dá por mês.

(BELCHIOR, *Lira dos Vinte Anos*. 1977)

Em entrevista à Web-Revista *O Ponteiro* da UEPG, Belchior discorre sobre seu “gosto” musical e como enxerga o Rock n’Roll. Bem humorado e ácido, Belchior reafirma sua tônica contracultural e resistente:

*O Ponteiro* – E teu contato com o rock?

*Belchior* – Eu só gosto na verdade do rock ligado à rebeldia. Eu não gosto de rock meloso, só de barra pesada, que é aquele rock que não perdeu um grito, uma espécie de revolta e que inicia de alguma forma uma nova linguagem. Quando isso aí se torna um fenômeno puramente comercial já perde o sentido de invenção e descoberta, não me interessa mais. Minha ideia do rock é o rock casado com Folk, como foi o do Bob Dylan, do rock primitivo, “o rock ainda negro!”, de Chuck Berry e tal... que vai desembocar no Elvis Presley. Esse roquezinho água com açúcar eu não gosto. Eu sou diabético espiritual. O que tem açúcar eu não gosto, aliás, nem posso.

Nas canções de Belchior percebe-se um trato estético e formal belíssimo, digno de um artista que domina com propriedade seu instrumental artístico. Belchior desenha músicas que tem raízes filosóficas, arraigadas a questões sociais, mas que não perdem seu tom poético em nome de um “panfletarismo” barato e banal. Indagado sobre a poesia e o fazer poético, ele declara:

*O Ponteiro* – E a poesia?

*Belchior* – A poesia que eu faço é a minha música. Eu não tenho nenhuma como convencionalmente se entende a poesia, que é aquela feita especificamente dirigida ao livro. Eu também não tenho obra inédita. Eu só componho quando vou gravar.

*O Ponteiro* – E esse ato de compor? Como funciona para você?

*Belchior* – Eu só componho por encomenda. Se eu não vou gravar, nem componho. Eu não tenho música inédita. Comigo *funciona* mais na transpiração do que na inspiração. Eu faço todas as músicas durante um dia. Eu fiz agora 34 músicas para 34 poemas de Drummond em 34 dias. Mas a música tem a minha idade inteira mais um dia. Você que pensa que é um dia só.

#### **4. A necessidade de uma nova linguagem**

*Velha Roupa Colorida* é, das canções de Belchior, uma das mais conhecidas no Brasil inteiro. Gravada por Elis Regina, a canção se eternizou na memória musical coletiva brasileira dos anos 70. O problema que muitos compositores enfrentam, e com Belchior não é diferente, é a falta de crédito àqueles que compõem as músicas, que normalmente ficam presas à imagem do intérprete, como nesta canção.

Esta música traz referências à banda norte-americana *The Rolling Stones*:

Nunca mais teu pai falou: She's leaving home  
E meteu o pé na estrada;

ao extinto movimento Hippie, ápice da contracultura (vale lembrar de Jack Kerouac e da geração Beatnik, também grande representante da contracultura”):

Nunca mais você saiu à rua em grupo reunido  
O dedo em V, cabelo ao vento  
Amor e flor, quedê o cartaz?

e à Edgar Allan Poe em seu poema *The Raven* (*O corvo*) e concomitantemente à banda britânica *Os Beatles*, na música *Blackbird*:

Como Poe, poeta louco americano,  
Eu pergunto ao passarinho: "Blackbird, o que se faz?"  
Haven never haven never haven  
Black bird me responde  
Tudo já ficou atrás  
Haven never haven never haven  
Assum-preto me responde  
O passado nunca mais

(BELCHIOR. *Velha Roupa Colorida*, 1974)

Todas estas referências funcionam como alerta de Belchior. Ao reviver todos estes revolucionários momentos da humanidade bem como estes grandes nomes já clássicos da cultura, ele antevê a estagnação cultural e política vivida nos dias de hoje, na chamada era pós-utópica, aonde todas as ideologias parecem (e realmente estão) reféns do capital.

A necessidade desta nova linguagem representa, sobretudo, a necessidade de uma nova voz de unificação das causas sociais e denuncia a falência dos questionamentos e da força dos movimentos sociais contemporâneos, que só podem ser traduzidos em uma linguagem poética, política e social de um novo modo, remontando ao passado das grandes lutas sociais, mas que traga o que é o novo, e se mostre de forma diferente esteticamente.

##### **5. “Um tango argentino me vai bem melhor que o Blues”**

Neste trecho de *Apenas um rapaz latino-americano*, obra-prima de Belchior, seu tom “antropofágico” se estende à toda a “latino-américa”, a qual, por mais que as fronteiras geopolíticas a dividam em estados nacionais (repúblicas), são irmãs. Não raro nos referimos aos habitantes dos países latino-americanos como “hermanos” e com razão, afinal, nossa língua, cultura, e o processo de construção destas nações se dão quase do mesmo modo, posto que foram motivadas pelas mesmas

forças.

Belchior, nesta canção, desenha como ninguém o poder da arte por sobre os homens, ao declarar:

Mas não se preocupe meu amigo  
com os horrores que lhe digo  
A vida realmente é diferente, quer dizer  
Ao vivo é muito pior!,

arte esta que é encarada por muitos como “deleite”, “tempo de ociosidade” e “afastamento da vida cotidiana (herança burguesa) mas que, como bem mostra Belchior pode ser também, instrumento de construção de uma consciência coletiva e que transcenda as fronteiras políticas e geográficas, afinal:

Sons, palavras são navalhas  
E eu não posso cantar como convém  
Sem querer ferir ninguém.

## **6. O esclarecimento de Belchior e a grandeza de sua obra**

Finalizando o artigo, já elucidados pontos resistentes e denunciando dos valores negativos da sociedade contemporânea, da poética deste cearense poeta cantante, utilizaremos o trecho final da música *Arte Final* do Álbum Bahiuno (1993), como um fechar de cortinas e convite ao conhecer da obra tão rica, bela, esclarecedora e latino-americana de Belchior:

E então, my friends?  
Bastou vender a minha alma ao diabo,  
E lá vem vocês seguindo o mau exemplo.  
Entrando numas de vender a própria mãe.  
Alguém se atreve a ir comigo  
Além do shopping center? Hein? Hein?  
Ah! Donde están los estudiantes?  
Os rapazes latino-americanos?  
Os aventureiros? Os anarquistas? Os artistas?  
Os sem-destino? Os rebeldes experimentadores?  
Os benditos? Malditos? Os renegados? Os sonhadores?  
Esperávamos os alquimistas, e lá vem chegando os bárbaros  
Os arrivistas, os consumistas, os mercadores.  
Minas, homens não há mais?  
Entre o Céu e a Terra não há mais nada  
Do que sex, drugs and Rock 'n' Roll?  
Por que o Adeus às armas?  
Não pergunte por quem os sinos dobram,

Eles dobram por Ti!  
Ora, senhoras! Ora, senhores!  
Uma boa noite lustrada de neon pra vocês  
E o último a sair apague a luz do aeroporto  
E ainda que mal me pergunte:  
A saída será mesmo o aeroporto?

Desta maneira, a grandeza da obra de Belchior fica explicitada e validada no cenário cultural brasileiro ainda mais. Outra observação importante é o resultado que a academia pode encontrar ao dar maior atenção à este artista tão completo. De fato, a obra de Belchior nos mostra que existem saídas para este caótico mundo atual, a nós cabe tomar consciência e conhecer de fato esta arte que é brasileira, ampla, contestadora e belíssima, uma vez que Belchior não submete o aspecto histórico por sobre o literário ou artístico, mas articula como poucos esta relação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. 2. ed. São Paulo: Landy, 2000.

THE BEATLES. Blackbird. In: \_\_\_\_\_. *The White Álbum*, Disc 1, Faixa 11. EMI, CD, 1968.

BELCHIOR; MELLO, Jorge; GRACCO. Arte final. In: \_\_\_\_\_. *Bahiano*. Movie Play, CD, 1993.

BELCHIOR. Balada de Madame Frigidaire. In: \_\_\_\_\_. *Autorretrato: pequeno perfil do cidadão comum*. SONY, 1998.

BECLHIOR. *Divina comédia humana*. Movie Play, CD, 1991.

BECLHIOR. Fotografia 3x4. In: \_\_\_\_\_. *Autorretrato: Pequeno perfil do cidadão comum*. SONY, 1998.

BECLHIOR. Lira dos vinte anos. In: \_\_\_\_\_. *Elogio da loucura*, Polygram, CD, 1998.

BECLHIOR. Velha roupa colorida. In: \_\_\_\_\_. *Um concerto a Palo Seco*, Estúdio Bemol, CD, 2000.

BILAC, Olavo. Via Láctea. In: \_\_\_\_\_. *Poesias*. São Paulo: Martin Claret, 2006

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 7. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.



*Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

MARX, Karl. *O capital*. Liv. I, vol. 2. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

VELOSO, Caetano. Alegria, alegria. In: \_\_\_\_\_. *Single*. Phillips, vinil, 1967.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropofágico. *Revista de Antropofagia*, Ano 1, n. 1, maio de 1928.

BELCHIOR [Entrevista com]. Disponível em:

<<http://www.uepg.br/oponteiro/belchior2.htm>>. Acesso em: 13-09-2012.